

# A NOVA FRONTEIRA DIGITAL: GUERRA HÍBRIDA E O IMPACTO DA INTELIGÊNCIA ARTIFICIAL NA SOBERANIA DOS PAÍSES DA AMÉRICA DO SUL

*Data de aceite: 01/04/2024*

### **Alécia Vieira Caixeta**

Mestranda no curso de Geografia da Universidade Federal de Goiás (UFG)

**ABSTRACT:** The geopolitical of South America has evolved from a tapestry of influences ranging from indigenous civilizations to European colonizations, struggles for independence, and the influence of the United States during the Cold War. Tosta (1984) examines how writers of classical geopolitical theories such as Friedrich Ratzel, Alfred Mahan, and Halford Mackinder shaped the development of their nations from the perspective of political geography and geopolitics. In the twentieth century, this region of the American continent sought greater integration and autonomy but faced economic and political challenges, including interference from external powers. In the twenty-first century, territorial dynamics and power struggles in the international arena have become increasingly complex and diffuse, under the scrutiny of modern geopolitics. With the aid of tools provided by globalization, new ways of exerting influence and control over geographical space have emerged.

The emergence of what Santos (2006) calls the Technical-Scientific-Informational Environment provides tools that play a central role in the dynamics between territories and states. These new techniques, especially those related to information, such as the internet through social networks, among others, have realigned the course of politics and conflicts in the contemporary world. Thus, "The New Digital Frontier" is no longer just a metaphor for the technological revolution we are witnessing but symbolizes the unprecedented opportunities and challenges that arise on this horizon. It is in this context that political geography and geopolitics have been revitalized as the basis for understanding national, regional, and global spatial organization. According to Wanderley Messias da Costa, one of the fundamental roles of geographical science is to examine and interpret the ways in which state power is exercised in the management of territorial affairs and the territorial dimension of the sources and manifestations of power in general. However, in contemporary times, it is not easy to analyze the sources that emanate manifestations of power since in a multipolar and globalized world, these manifestations, even when not carried out by governments

or armed forces, may occur in a way that does not follow the pattern of conventional violence. Korybko (2018) points out that with the rise of nuclear weapons, the need for indirect means of destabilization, conflicts, wars, and actions between States has become urgent. This phenomenon of indirect, systematic, unconventional disturbance is closely related to the new dynamics of information, called hybrid warfare. According to Miguel Enrique Stédile, "hybrid warfare is a phenomenon that has grown globally and has specific implications for South America, reflecting the geopolitical, historical, and socioeconomic complexity of this region." Unlike traditional conflict approaches, hybrid warfare seeks to exploit the vulnerabilities of the adversary in various domains, be they physical, informational, cognitive, or economic. Thus, hybrid warfare represents an evolution in the nature of conflict, adapting and capitalizing on the contemporary digital scenario, becoming an essential strategic tool in the geopolitics of the twenty-first century. In turn, artificial intelligence (AI) has emerged as a revolutionary force on the global stage, redefining power and influence. Its ability to process information quickly, learn autonomously, and optimize tasks has transformed economies, potentiated innovations, and influenced geopolitics. In this context, the "New Digital Frontier" highlights the convergence of traditional geopolitics with modern hybrid warfare and artificial intelligence in South America. However, artificial intelligence brings promises of development but also risks of technological dependence and threats to sovereignty. Thus, South America finds itself at a crucial point, balancing the opportunities of digitization with the preservation of its autonomy and integrity on the global stage.

**KEYWORDS:** Hybrid Warfare. Artificial Intelligence. Sovereignty.

## INTRODUÇÃO

A geopolítica da América do Sul evoluiu a partir de uma tapeçaria de influências de civilizações indígenas a colonizações europeias, lutas pela independência e influência dos Estados Unidos, durante a guerra fria. Tosta (1984) examina como escritores das teorias geopolíticas clássicas como Friedrich Ratzel, Alfred Mahan e Halford Mackinder moldaram o desenvolvimento de suas nações a partir da perspectiva da geografia política e da geopolítica.

No século XX, esta região do continente americano buscou maior integração e autonomia, mas enfrentou desafios econômicos e políticos, incluindo a interferência de potências externas. Já no século XXI, as dinâmicas territoriais e as disputas de poder no cenário internacional tornaram-se cada vez mais complexas e difusas, e sob o escrutínio da geopolítica moderna, com o auxílio das ferramentas fornecidas pela globalização, surgiram novas formas de exercer influência e controle sobre o espaço geográfico. A emergência do que Santos (2006) chama de Meio Técnico-Científico-Informacional fornece ferramentas que desempenham um papel central na dinâmica entre territórios e estados. São essas novas técnicas, sobretudo as relacionadas à informação, como a internet, que por meio das redes sociais, dentre outros, passaram a realinhar o curso da política e dos conflitos no mundo contemporâneo. Desse modo, "A Nova Fronteira Digital" não é mais, apenas uma metáfora para a revolução tecnológica que estamos testemunhando, mas simboliza as inéditas oportunidades e desafios que surgem neste horizonte.

É nesse contexto que a geografia política e a geopolítica têm sido revigoradas como base para a compreensão da organização espacial nacional, regional e mundial. Segundo Wanderley Messias da Costa um dos papéis fundamentais da ciência geográfica é examinar e interpretar os modos de exercício do poder estatal na gestão dos negócios territoriais e a própria dimensão territorial das fontes e das manifestações do poder em geral” (COSTA, 2016, p. 17). No entanto, na contemporaneidade, não é fácil analisar as fontes que emanam as manifestações de poder, pois em um mundo multipolar e globalizado, essas manifestações, mesmo quando não efetivadas por governos ou forças armadas, podem ocorrer de forma a não seguir o padrão de violência convencional. Korybko (2018) aponta que com a ascensão das armas nucleares tornou-se premente a necessidade de meios indiretos de desestabilização, conflitos, guerras e ações entre Estados.

Esse fenômeno de perturbação indireta, sistemática, não convencional está intimamente relacionado com a nova dinâmica da informação, chamada de guerra híbrida. Segundo Miguel Enrique Stédile “a guerra híbrida é um fenômeno que tem crescido globalmente e tem implicações específicas para a América do Sul, refletindo a complexidade geopolítica, histórica e socioeconômica desta região (STÉDILE, 2020, p. 81). Diferente das abordagens tradicionais de conflito, a guerra híbrida busca explorar as vulnerabilidades do adversário em diversos domínios sejam eles físicos, informativos, cognitivos e econômicos. De modo que, a guerra híbrida representa uma evolução na natureza do conflito, adaptando-se e capitalizando sobre o cenário digital contemporâneo, tornando-se uma ferramenta estratégica essencial na geopolítica do século XXI (KORYBKO, 2018).

Por sua vez, a inteligência artificial (IA) emergiu como uma força revolucionária no cenário global, redefinindo poder e influência. Sua capacidade de processar informações rapidamente, aprender de forma autônoma e otimizar tarefas transformou economias, potencializou inovações e influenciou a geopolítica. Nesse contexto, a “Nova Fronteira Digital” destaca a convergência da geopolítica tradicional com a moderna guerra híbrida e inteligência artificial na América do Sul. No entanto, a inteligência artificial traz promessas de desenvolvimento, mas também riscos de dependência tecnológica e ameaças à soberania. Assim, a América do Sul se encontra em um ponto crucial, equilibrando as oportunidades da digitalização com a preservação de sua autonomia e integridade no cenário global.

## **Geopolítica Digital na América do Sul**

A Geopolítica Digital na América do Sul reflete a contínua interação entre as nações da região e as potências estrangeiras, agora adaptadas ao cenário digital contemporâneo. Traremos uma breve exposição histórica de como a influência histórica se traduziu para a era digital.

Tradicionalmente, desde os tempos coloniais até o século XX, a América do Sul experimentou uma série de intervenções e influências, principalmente de potências

européias e, mais tarde, dos Estados Unidos. Durante a Guerra Fria, por exemplo, a região se tornou um palco de confronto ideológico entre os EUA e a URSS, onde ambas as superpotências buscavam expandir sua esfera de influência (KUNDERA, 2013, p. 18). Com a ascensão da globalização e da era digital, a influência direta através de intervenções militares ou cooperações econômicas tradicionais começou a ser complementada (e, em alguns casos, substituída) por uma influência mais sutil através do domínio digital. A infraestrutura digital, plataformas de mídia social, e a cibersegurança tornaram-se áreas-chave de influência e, às vezes, de conflito.

Os EUA, através de empresas como Google, Facebook e Twitter, desempenham um papel significativo na paisagem digital da América do Sul. O software, o hardware e os serviços provenientes dos EUA moldam em grande parte a experiência digital na região. Diante disso, preocupações com a ciberespionagem e a cibersegurança são evidentes nas relações entre os EUA e alguns países da América do Sul (TOSTA, 2016). A China, segunda maior economia do mundo, por sua vez, expandiu significativamente nas últimas décadas, sua presença na América do Sul. Isso vai além do comércio e investimento em infraestrutura. Empresas chinesas como Huawei e Tencent estão se estabelecendo como players significativos no espaço digital da região. A influência digital da China é uma extensão de sua estratégia global *Belt and Road Initiative (BRI)*, onde a infraestrutura digital é tão crucial quanto à infraestrutura física.

E, a América do Sul, como muitas outras regiões do planeta, tem experimentado uma digitalização acelerada em várias esferas da sociedade, desde economias nacionais até interações sociais cotidianas, chamada “Nova Fronteira Digital”. No entanto, com essa crescente integração digital surgem vulnerabilidades que se tornam pontos focais nas relações geopolíticas da região.

Nesse contexto, a geopolítica digital apresenta riscos para a América do Sul, tendo em vista que sua história é marcada pela interação e influência de potências externas e sua dependência de tecnologias estrangeiras podem criar vulnerabilidades, desde questões de privacidade até ameaças à segurança nacional. Por outro lado, tal risco, pressiona a região do continente americano a desenvolver sua própria infraestrutura digital e soluções tecnológicas, equilibrando influências externas e assegurando sua soberania digital. Reconhecer, adaptar-se e navegar por essa nova geopolítica digital será crucial para o futuro autônomo e próspero da América do Sul.

## **Guerra Híbrida: A Batalha Silenciosa**

A “Guerra Híbrida” é uma estratégia complexa que combina táticas militares, políticas, econômicas e, especialmente, informações para alcançar objetivos específicos. A guerra híbrida combina táticas convencionais e não convencionais, e nos últimos anos, o domínio digital tornou-se um campo de batalha crucial para a condução de operações de

influências (LEIRNER, 2020). Campanhas digitais de desinformação, interferência eleitoral e manipulação da opinião pública tornaram-se táticas recorrentes.

No contexto da América do Sul, a desinformação e a propaganda têm sido usadas como táticas de guerra híbrida para influenciar opiniões públicas, desestabilizar governos e moldar eventos políticos. No que tange a desinformação envolve a disseminação deliberada de informações falsas, imprecisas ou enganosas para confundir, manipular ou desacreditar. Isso pode envolver notícias falsas, boatos e teorias da conspiração. Já no que se refere a propaganda é usada para moldar percepções e influenciar comportamentos. Pode ser veiculada através de meios de comunicação tradicionais e digitais, como notícias tendenciosas, conteúdo manipulado e campanhas de influência.

Por sua vez, os objetivos dessa guerra híbrida na América do Sul, é clara, pois podem desestabilizar a política, minando a confiança pública nas instituições democráticas e criar tensões internas. Manipular informações antes e durante as eleições pode influenciar o resultado e a legitimidade do processo (MURRAY, 2020). Ademais, pode causar a divisão social da sociedade ao disseminar informações falsas sobre questões sensíveis, como identidade étnica, religião ou gênero, o que pode inflamar tensões sociais, bem como, moldar percepções regionais, através de campanhas de mídia, um país pode buscar influenciar a percepção que outras nações têm da região.

No Brasil, durante as eleições presidenciais de 2022, o *WhatsApp* tornou-se um veículo significativo para a disseminação de notícias falsas e desinformação. E, houve uma verdadeira revolução colorida que tem a ver com a utilização de cores para simbolizar o movimento, como a utilização de verde e amarelo, sendo a primeira etapa da guerra híbrida. Ou seja, o espaço digital tornou-se um campo de batalha para a guerra híbrida. A capacidade de disseminar informações rapidamente, juntamente com a dificuldade em rastrear e atribuir tais campanhas, torna a guerra digital uma “batalha silenciosa”, mas profundamente influente e potencialmente desestabilizadora.

## **A Ascensão da Inteligência Artificial**

A América do Sul, assim como outras regiões globais, tem experimentado um rápido crescimento no campo da Inteligência Artificial (IA). Embora ainda possa estar atrás de gigantes tecnológicos como os Estados Unidos e a China, a região tem feito progressos significativos na adoção e aplicação de tecnologias de IA.

Nos últimos anos, tem aumentado consideravelmente os investimentos em startups tecnológicas na América do Sul. Startups focadas em IA têm ganhado destaque, especialmente no Brasil, México e Colômbia. Ademais, muitos países da América do Sul estão formando parcerias com nações tecnologicamente avançadas, empresas internacionais e universidades para desenvolver suas capacidades de IA. Universidades e instituições de ensino em toda a região têm incorporado programas de IA, formando a

próxima geração de cientistas e engenheiros de dados. Quanto à cibersegurança, com o aumento das ameaças cibernéticas, a IA é uma ferramenta crucial para detectar, prevenir e responder a ataques. E no meio ambiente, pode ser usada para monitorar mudanças climáticas, prever desastres naturais e otimizar a gestão de recursos naturais (NORVIG, STUART, 2004).

Dessa forma, à medida que a Inteligência Artificial (IA) se torna cada vez mais prevalente em quase todos os aspectos da vida moderna, países e regiões em todo o mundo enfrentam a dualidade de suas promessas e perigos. No entanto, é certo que a IA tem o potencial de transformar a economia, sociedade e geopolítica da América do Sul. Embora a região enfrente desafios em sua adoção, as oportunidades apresentadas pela IA são vastas e podem conduzir a América do Sul a um futuro mais próspero e seguro.

## **Implicações para a Soberania dos países da América do Sul**

A soberania de um país é o direito e a capacidade de governar-se, sem interferência externa. A introdução da guerra híbrida e a rápida ascensão da inteligência artificial (IA) têm o potencial de afetar profundamente esse conceito tradicional de soberania, especialmente na América do Sul, que tem uma história complexa de intervenções externas e desafios internos e essas tecnologias e táticas podem redefinir o panorama geopolítico.

A América do Sul, com sua diversidade de nações e realidades políticas e econômicas, deve abordar as implicações da guerra híbrida e da IA com uma combinação de cautela e proatividade. É essencial fortalecer as instituições nacionais, promover a educação e a pesquisa em tecnologia e IA, e buscar colaborações regionais para enfrentar esses desafios e garantir a soberania e autodeterminação dos países da região no cenário global em evolução, pois, a intersecção da guerra híbrida e da inteligência artificial (IA) podem apresentar sérias implicações para a soberania dos países.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

À medida que o mundo avança rumo a uma era digital sem precedentes, a América do Sul se encontra em uma encruzilhada. O ritmo acelerado das transformações tecnológicas não apenas redefine economias e sociedades, mas também o tecido das relações internacionais e a dinâmica do poder global. Por isso, os países desta região sul-americana precisam abraçar a revolução digital como uma ferramenta para superar desigualdades históricas, impulsionar o desenvolvimento sustentável e fortalecer a democracia.

Contudo, em um mundo cada vez mais digital, a região se depara com desafios singulares e oportunidades sem precedentes. A resposta a esses desafios reside fundamentalmente em dois pilares: cooperação regional e investimento em tecnologia e educação. A cooperação regional, consolidada através de iniciativas conjuntas e alianças estratégicas, têm o potencial de transformar a América do Sul em um bloco unificado e

resiliente no ciberespaço. Por outro lado, o investimento em tecnologia e educação é a pedra angular para a construção de uma resiliência digital intrínseca. Apenas através da educação, os cidadãos estarão equipados com as habilidades necessárias para navegar em um mundo digital, tornando-se participantes ativos e críticos da sociedade da informação. O investimento em pesquisa e desenvolvimento tecnológico, por sua vez, assegura que a região não seja apenas uma consumidora passiva de tecnologias estrangeiras, mas uma inovadora ativa, moldando seu próprio destino digital.

Simultaneamente, é essencial que a região adote uma postura crítica e cautelosa, pois, a dependência tecnológica de potências externas pode comprometer a soberania e autonomia nacionais. Portanto, investir em pesquisa e desenvolvimento de IA local, além de fortalecer os laços regionais em tecnologia e inovação, pode ser um caminho estratégico. Ademais, deve abordar questões éticas e de privacidade que emergem em um mundo digital. Garantir que os direitos dos cidadãos sejam protegidos, promovendo ao mesmo tempo a inovação e a livre expressão, é um equilíbrio delicado a ser alcançado. Outrossim, em uma era de desinformação e guerra híbrida, a promoção da literacia digital torna-se vital. Cidadãos informados e críticos são a primeira linha de defesa contra tentativas de influenciar indevidamente a opinião pública e desestabilizar democracias. Desse modo, ao olhar para o futuro, a América do Sul tem a chance não apenas de participar do mundo digital, mas de moldá-lo, contribuindo com uma perspectiva única e rica, enraizada em sua diversidade cultural, histórica e social.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, Alexandre Henrique Batista. **A desinformação como ferramenta da guerra híbrida**. Tese (Doutorado em Política e Estratégia Marítimas) – Escola de Guerra Naval. Rio de Janeiro, p.110. 2020. Disponível em: <https://www.repositorio.mar.mil.br/handle/ripcmb/845197>. Acesso em: 18 aug. 23.

COSTA, Wanderley Messias da. **Geografia Política e Geopolítica: discursos Sobre o Território e o Poder**. EdUsp, 2. ed. São Paulo, Padrão, 2008.

KORYBKO, ANDREW. **Guerras híbridas: das revoluções coloridas aos golpes**. 2018. São Paulo, Editora Expressão Popular.

LEIRNER, de Piero. **O Brasil no espectro de uma guerra híbrida: militares, operações psicológicas e política em uma perspectiva etnográfica**. 2. Ed. 2020. Alameda Editorial. São Paulo, 329 p.

MARTIN, André. **Fronteiras e Nações**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 1994.

MURRAY, Williamson. **Guerra Híbrida**. Biblioteca do Exército, São Paulo, 2020.

NOGUEIRA, João Pontes; MESSARI, Nizar. **Teorias das Relações Internacionais: correntes e debates**. 3. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de; PONTUSCHKA, Nídia Nacib. **Geografia em perspectiva**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2002.

RICHARD, Yann Richard. Integração regional, regionalização, regionalismo: as palavras e as coisas. Tradução: Camilo Pereira Carneiro Filho. **Confins, Revue franco-brésilienne de géographie/Revista franco-brasileira de geografia**, n. 20. 2014. Disponível em: <http://confins.revues.org/8939>. Acesso em: 5 jul. 2023.

RUSSEL, Stuart J.; NORVIG, Peter. **Inteligência artificial**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. 30. ed. São Paulo: Record, 2000.

STÉDILE, Miguel Enrique; PENIDO, Ana. **Ninguém regula a América: guerras híbridas e intervenções estadunidenses na América Latina**. Fundação Rosa Luxemburgo: Expressão Popular, São Paulo. 2021. 166 p.

TOSTA, Octávio. **Teorias geopolíticas**. Rio de Janeiro, RJ: Biblioteca do Exército, 1984 VESENTINI, José William. **Novas Geopolíticas**. 5. Ed. São Paulo/SP: Editora Contexto, 2016.